

# UMA ANÁLISE DO LUGAR POR MEIO DA PAISAGEM: O QUE MINHA PERCEPÇÃO ALCANÇA

Poliana Mariano de Araújo, Ex-Bolsista do PIBID, Graduanda em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

## RESUMO

O presente trabalho relata a experiência desenvolvida na turma do 3<sup>a</sup> Ano “E” do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador e Profissionalizante Hortêncio de Sousa Ribeiro, cidade de Campina Grande-PB. Por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência- PIBID/ CAPES/ UEPB- subprojeto Geografia. Sendo seu principal objetivo mostrar possibilidades de trabalhar na abordagem do tema “o que minha percepção alcança”, por meio das categorias geográficas (lugar e paisagem) que estão diretamente ligadas a vivência do aluno, desarticulando a problemática do ensino descontextualizado na vida escolar. Com metodologias inovadoras que incentiva a criatividade do alunado através do lúdico: registros fotográficos para a confecção de um relato, seja este em forma de paródia, verso, etc. Assim, tendo um mural como prova dos resultados obtidos. Educadores têm de se adaptar, a essa nova geração que já nasceu familiarizada, onde tudo é interativo.

**Palavras Chave:** Categoria Geográfica; Metodologia; Ensino-aprendizagem.

## INTODUÇÃO

Atualmente, busca-se um ensino de qualidade, garantindo o crescimento e desenvolvimento intelectual dos alunos, tendo como ponto de partida as séries iniciais, as quais são suporte para a construção do conhecimento, pois o ensino descontextualizado perpassa gerações.

Se voltarmos nossos olhares para nossas práticas de ensino em sala, veremos que algo deve ser mudado, pois como é muito discutido: a metodologia não corresponde à realidade dos alunos, assim deixando as aulas enfadonhas, desinteressantes, contribuindo para o fracasso do ensino escolar.

Em se tratando do ensino de geografia, tem se observado uma situação mais delicada. Desde quando a geografia passou a fazer parte das disciplinas no currículo escolar, não conseguiu acompanhar as transformações no tempo e no espaço devido aos problemas “ancorados” em sua trajetória. No entanto, a inovação das aulas é de suma importância para a existência da disciplina, propagando o conhecimento geográfico por meio de projetos pedagógicos desenvolvidos nas séries iniciais e médio, dando novo significado a geografia escolar.

Oliveira, et al. (1998, p. 141) salienta:

A geografia, como as demais ciências que fazem parte do currículo de 1º e 2º graus, procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação.

O contexto acima, ressalva o compromisso que o professor deve ter com seus alunos através dos conteúdos a serem ensinados.

Ao longo deste trabalho, será visto como a percepção é abordada pelos alunos, voltada mais para as lembranças, como Cunha (1989, p. 32) elenca: “o ver fenomenológico que se dá no cotidiano produz, através da experiência, formas diversas de perceber a realidade, que passam pelos sentidos, lembranças e emoções”. Isso pelo simples fato de: a paisagem fazer parte da sua história de vida, caracterizando o lugar, ou seja, dando significado aos momentos vividos.

As categorias geográficas, lugar e paisagem, mostram-se presentes na execução do projeto assim como é enfatizado a possibilidade de adaptar novas metodologias para o ensino de geografia, tendo como ponto de partida a vivência dos alunos, os quais se sentem motivados a participar das aulas de geografia assim como de outras disciplinas. Callai (2000, p. 89), afirma que: “o estudo do lugar pode se entender para muito além do texto, e podem-se utilizar outros recursos como a observação de uma paisagem, fotografias, filmes, etc.”, ou seja, nossa percepção.

O presente estudo torna-se pertinente por buscar compreender como as categorias geográficas (lugar e paisagem) são abordadas no ensino de geografia e como os alunos têm interpretado tais categorias. Tendo o objetivo de mostrar possibilidades de trabalhar na abordagem do tema “o que minha percepção alcança”, por meio dessas categorias que estão diretamente ligadas a vivência do aluno. Mostrando como interfere na formação intelectual dos mesmos, além de tornar as aulas mais interessantes com a participação dos alunos, desarticulando a problemática do ensino descontextualizado na vida escolar dos mesmos.

Visto que o ensino de geografia se caracteriza numa formalidade, onde professores encoste em dá aulas apenas tradicional, onde o livro didático é seu único recurso, as aulas ficam desinteressantes para os alunos, este que faz parte de um espaço dinâmico.

Rupel (2009, p. 08), afirma que:

Através da utilização do lúdico na educação, vários objetivos podem ser atingidos, não só em curto prazo, mas também, objetivos em longo prazo, como, o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento crítico, da criatividade, da formação de indivíduos pró-ativos, que buscam soluções para as situações que se apresentam.

Por esse motivo, as intervenções dos alunos licenciando, principalmente os de geografia nas escolas (públicas), vêm sendo satisfatório no que diz respeito às inovações metodológicas no ensino geográfico, estes muitas vezes trabalhados sem nenhuma ligação com a vida do aluno. Assim como na sua formação enquanto graduando, este conhecendo seu futuro espaço de trabalho. Contribuindo certamente para uma desmistificação dos conteúdos de geografia, como também a disciplina como toda.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador e Profissionalizante Hortênsio de Sousa Ribeiro (PREMEN), na cidade de Campina Grande-PB a partir de observações na turma do 3º Ano “E” do Ensino Médio, nos meses de novembro e dezembro de 2013, com o intuito de colaborar com as aulas do professor titular, o qual possibilitou executar o projeto por meio de metodologias inovadoras, estas por meio do lúdico, o qual contribui para a construção do conhecimento do aluno.

Tendo as categorias geográficas (lugar e a paisagem), estas estudadas no segundo bimestre de forma tradicional e analisadas no quarto bimestre de forma lúdica (extraclasse) por meio de registros fotográficos (de uma paisagem) que representasse o lugar onde vive, assim como na confecção dos relatos, estes de várias maneiras: paródia, versos ou uma simples descrição do que foi registrado desde que estivesse relacionando com o espaço de vivência deles, mostrando como as mesmas possibilitam identificar o desenvolvimento social e intelectual em diferentes espaços no intervalo de pouco tempo.

De início, foram utilizados slides para apresentar o projeto: novas metodologias para o melhor ensino das categorias geográficas. Posteriormente, solicitou que os alunos participassem do trabalho extraclasse, produzindo fotografias que representassem seu lugar de vivência, para depois relatar em forma de paródia, versos, ou mesmo um simples relato, explicando o que levou a registrar tal paisagem como seu lugar de pertencimento. Depois, cada aluno expôs seu relato para a turma, e ao término foi montado um mural com os relatos dos alunos e sua representação do lugar de pertencimento.

Com isso, a inovação das aulas através de metodologias voltadas para o lúdico vem desmistificando as aulas de geografia, esta conhecida como: decoreba, chata, enfadonha.

De acordo com Rupel (2009, p. 04):

Os educadores das séries iniciais utilizam o lúdico no seu cotidiano. À medida que as crianças vão crescendo o lúdico vai sendo deixado de lado, o

que é um erro, pois pessoas de todas as idades aprendem através de atividades que tem sua essência na música, jogos, representações teatrais e diferenciadas formas de expressão.

Assim, fica evidente que o projeto executado foi de grande importância para o ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que foram estingados a analisar o espaço em que vivi, utilizando o conhecimento adquirido sobre as categorias geográficas em sala, como também na maneira de confeccionar os relatos, a dinâmica da sala em apresenta-lo e o suposto mural. Deixando a ideia de que só pode usar o livro didático e que os conteúdos de geografia são estudados apenas no espaço escolar: sala de aula de forma monótona.

## **RESULTADOS E DISCURSÃO**

A intervenção por meio do PIBID é uma forma de colaborar com as práticas desenvolvidas pelos professores, com o propósito de identificar e solucionar problemas referentes ao ensino-aprendizagem, através de metodologias voltadas para a construção do conhecimento.

Como já explícito, o trabalho executado na escola tomou como referência o Lugar e a paisagem, categorias geográficas que devem ser trabalhadas na disciplina geográfica. De acordo com os PCNs (1998, p. 27):

Pensar sobre essas noções de espaços pressupõe considerar a compreensão objetiva da paisagem como lugar, o que significa dizer: a paisagem ganhando significados para aqueles que a constroem e nela vivem: as percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm da paisagem em que se encontram e as relações singulares que com ela estabelecem. As percepções, as vivências e a memória e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico.

A metodologia utilizada pelos professores requer maior visibilidade às experiências, vivências dos alunos.

A intervenção desenvolvida possibilitou aos alunos do Ensino Médio desenvolver habilidades, partindo de observações, utilizando instrumentos de coleta de informações: registros fotográficos. Primeiramente fizeram o registro de uma paisagem do seu lugar, depois relataram o que levou a escolha. Depois dos relatos concluídos foi apresentada a turma, os quais possibilitou perceber que a maioria reportava-se de um momento vivido com familiares, amigos e outros destacaram as mudanças que o lugar sofreu ao longo do tempo.

Veremos nas figuras (1, 2 e 3) que seguem o resultado da atividade.

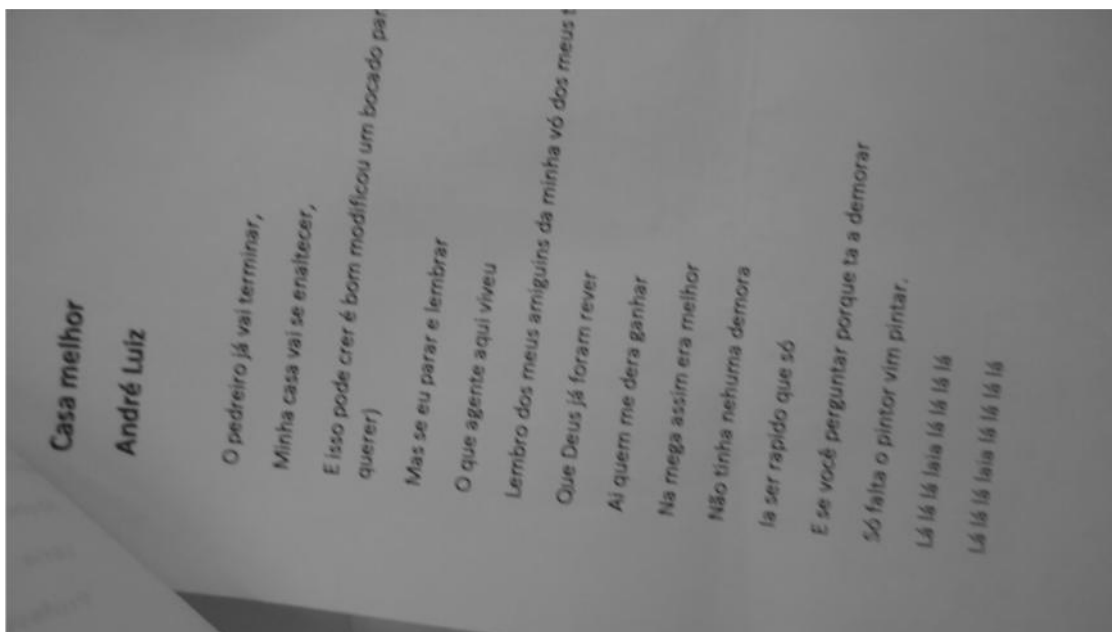


Figura 1: Paródia: “Casa melhor”, produzida por um dos alunos, a qual relata momentos que vivenciou em sua casa com família.

Fonte: Poliana Mariano



Figura 2. Mural com todos os relatos.

Fonte: Luiz Arthur.



Figura 3: Atividade (relatos no mural) concluída pelos alunos do 3º Ano “E”.

Fonte: Luiz Arthur.

Os relatos contam a história do lugar dos alunos em um determinado tempo vivido. A maioria relatou sobre bons momentos que passaram em casa de familiares, onde um aluno relatou em forma de paródia, outro aluno relatou da sala de informática em forma de verso (onde aprendeu fazer um jogo e gosta de ir para jogar), outros relataram lugares de encontro entre amigos.

A execução do projeto justifica que se podem trabalhar conceitos geográficos partindo do lugar de vivência dos alunos de forma lúdica. Pois eles mostraram está empenhados e empolgados: antes, durante e ao termino do projeto. Sendo assim, novas metodologias são bem vindas (não como imaginamos: total aceitação tanto por parte dos professores como dos alunos), mas, que podem ser adaptadas de acordo com a realidade da turma, pois cada sala de aula é única, por possuir uma identidade própria.

No entanto, há certa resistência por parte dos professores, ou até mesmo dos alunos quando deparados com novas metodologias de ensino, por estarem acostumados com as aulas do mesmo jeito: o professor enche a lousa de conteúdos, estes já contidos no livro didático que certamente caíram na prova e os alunos são praticamente obrigados a copiar e decorar para obter uma boa nota e passar de ano. Por isso a necessidade de mudança metodológica, principalmente o que diz respeito ao ensino-aprendizagem: troca de conhecimento entre professor e aluno.

Ao termino do projeto verificou-se que o maior problema é a desmotivação dos alunos em relação à disciplina geográfica, os quais estão acostumados com aulas tradicionais: decorar, descrever tudo o que está no livro didático e os professores são o detentor do conhecimento (só ele está certo) desde as series iniciais. Desse modo, se faz necessário a inserção de metodologias que relacionem o conteúdo com a vivência dos mesmos. Tendo

como ponto de partida as categorias geográficas: lugar e paisagem, estas estudadas em semestres anteriores e que reforçaram a partir do projeto de intervenção.

Este projeto pode ser aplicado nas series iniciais de acordo com a realidade da turma devida sua magnitude. Sendo assim, vai desde cedo desmistificando esse estereótipo que criaram das aulas de geografia: que ela só decora todos os assuntos e que no final das contas não serve de nada, assim como o compromisso do professor.

Quando o assunto trabalhado faz relação com a vivência do aluno, este torna mais interessante, deixando os mesmos mais motivados, assim como os professores. Sabe-se que muitos docentes estão ancorados nas práticas conservadoras, onde a opinião do corpo discente não tem a menor importância.

Partindo do estudo do lugar contribui para um “clima” mais agradável a relação professor-aluno, pois meche com o intimo do aluno.

Isso indica que as categorias geográficas estão diretamente relacionadas com a vida do aluno. Indica que o professor pode criar metodologias que leva o mesmo a ter uma relação agradável com seu publico, onde ambos podem se beneficiar. Segundo Rupel (2009), trabalhar os conceitos-chaves da Geografia, de forma lúdica é se apropria do processo ensino-aprendizagem, buscando evidenciar o seu papel na articulação de momentos significativos e variados a partir dos conteúdos trabalhados.

### **Relação Aluno-Professor**

Sabe-se que a relação professor/aluno é algo muito novo para aqueles que estão acostumados a serem o detentor do conhecimento, e os alunos segundo Moran (2000) são meramente reprodutor do conhecimento, característico do ensino tradicional onde estão acostumados a decorar: números, datas, nome de relevos, capitais, muitas vezes sem serventia no processo de aprendizagem.

Por isso muitos, querem saber quanto precisa para ser aprovado e não se realmente aprendeu alguma coisa a não serem as reclamações dos professores durante o ano a dizerem que não querem nada com a vida.

Lembrando que esta relação abarca vários aspectos. Morales (2004) diz que a aproximação dos professores com os alunos é algo que está em evolução, aos poucos está sendo quebrada por aqueles que têm o desejo de darem as melhores aulas, de terem as melhores turmas. “O desejo de mudança da prática pedagógica se amplia na sociedade da informação quando o docente depara com uma nova categoria do conhecimento, denominada digital” (MORAN, 2000, p. 73). O professor percebe que não são os alunos que estão desinteressados, mas suas aulas que não tem o que eles precisam, na verdade a metodologia já não alcança mais os objetivos, necessitando de uma adequação com a vivência dos alunos.

No entanto quando o professor resolve mudar sua didática, todo o ambiente escolar se transforma, começando na sala de aula, com a autonomia dos alunos, Morales (2004, p. 57) afirma que “a autonomia do aluno relaciona-se com a margem de liberdade que lhe é concedida nas atividades de aprendizado, com a ausência de pressão, de prêmios externos”, ou seja, aumenta a confiança e a parceria do professor com os alunos na execução das atividades trabalhadas em sala.

## CONCLUSÃO

Conclui que é possível obter bons resultados se tivermos ótimas práticas, assim foi percebido ao término do projeto, o qual teve a participação e compromisso da turma em meio às outras prioridades. A didática e a forma em geral da educação tem de se adaptar á esses novos tempos e essa nova geração que já nasceu familiarizada com essas novas formas onde tudo é interativo, e através do professor adquirir a capacidade crítica de analisar. Sabe-se que o professor não irá mudar o mundo, mas pode “plantar a semente” da percepção, da crítica e entre outros que por meio das melhores aulas pode crescer e gerar frutos.

O projeto de intervenção no âmbito das ações do PIBID, além de contribuir com novas estratégias metodológicas para o ensino de Geografia no ensino básico, possibilitou a licencianda um enriquecimento de sua prática, lhes assegurando maior domínio de metodologias a serem utilizadas em sala de aula, contribuindo para o processo de formação inicial.

## REFERÊNCIA

- CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: praticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, cap. 2, p. 89.
- CUNHA, M. I. **O Bom Professor e sua prática**. Campinas-SP: Papirus, 1989, p. 32.
- MORALES VALLEJO, P. (1994) –**A Relação Professor-Aluno em Sala de Aula**- “La Relación Profesor-Alumno en el Aula” (Título original) Revisão: Célia Regina Faria Menin. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999. Ed.5ª Agosto de 2004, p.57.
- MORAN, J. M. et al.–**Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**- Editora: Papirus, Campinas-SP. 2000, p. 73.
- RUPEL, M. A. P. **Atividades Lúdicas: proposições metodológicas para o ensino da Geografia Escolar**. SEED/UFPR. PDE /2008- 2009, p. 04-08.
- Secretaria de Educação Fundamental. Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998, p. 27.
- Valdir, N & Sônia M. M. C. **Educação geográfica e a consciência espacial cidadã**. 6\_Artigo\_006\_85-102.pmd. 2008, p. 90.